

# Os bororos e seus amigos xavantes avisam: vão fazer justiça.

Texto de Valdir Sanches, fotos de Solano José, enviados especiais.



O padre salesiano que trabalhava junto aos bororos e os índios Simão, mortos durante o ataque dos posseiros, foram velados por índios e brancos, durante este fim de semana. Na região dos bororos, agora, há também índios xavantes armados de espingarda para proteger os amigos.

— O que aconteceu aqui não foi um fato isolado, mas uma sucessão de acontecimentos. Culmina em uma série de fatos em que índios e missionários vinham sofrendo ameaças e provocações.

## “Padre Rodolfo sabia que iria morrer. Mas não queria arredar o pé.”

— O padre Rodolfo não estava misturado com os índios por acaso. Sabia que ia morrer, que uma hora ou outra ia cair. Mas dizia que não arredaria pé. Mais tarde, D. Thomaz escreveu uma nota, na qual diz que os agressores eram na maior parte pequenos posseiros, que foram influenciados por grandes fazendeiros — estes bem armados e motorizados, e apoiados pelo comércio de Barra do Garça. “Quero ressaltar este fato, porque ele se repete quase invariavelmente em todos os casos de conflitos por terras indígenas. Os índios e os pequenos posseiros são todos eles. Atimas do latifúndio e das grandes empresas agrárias.” No pátio da missão salesiana, na aldeia dos bororos, há uma mesa com uma cruz de qual pendem três ou quatro pedaços de trilha.

Estes trilhos, tangidos com uma peça de ferro pelas irmãs da missão, soam como um sino. O pé de manga é o companheiro da missão. A sombra desta árvore, reuniram-se, no fim de semana, os índios. Seus líderes conversavam com os padres. Colhiam notícias. Depois juntavam-se com os outros, em círculos. E aí, na língua bororo, discutiam os fatos. Coisas que nem os jornalistas, talvez nem os padres, puderam saber. Nesta época, seis da tarde já é quase dia morto na aldeia. A essa hora, na sexta-feira, havia no pátio mulheres índias chorando, com bebês no colo, entre cães que vadiavam. Na igreja da missão, velavam-se os corpos do padre Rodolfo e do índio Simão. A tarde, os chefes bororos que cuidam dos costumes e das tradições haviam oferecido a Simão o “bari-tuxene”, cerimônia de cantos em que deixa ao morto um lugar de boas terras e muita paz. Os padres haviam oficiado uma missa e agora todos se preparavam para o enterro. As cerimônias bororos exigem um dia e uma noite de cantos, antes de sepultar o corpo, embrulhado em uma esteira, em cova de três palmos, no centro da aldeia. Um mês depois, os índios desenterram seu morto, lavam seus ossos, pintam-nos com resinas e os enfeitam com penas. Então, colocam os ossos numa cesta também muito enfeitada e a tiram numa lagoa, com cantos e prantos. Mas Simão teve um enterro cristão, porque sua família quis assim. Havia uma faixa de céu vermelho, quando o séquito to-

mou o caminho do cemitério, passando ao longo das casas de tons pálidos da aldeia. Um polirão levantou-se da terra macia. Enquanto os bororos choravam em seu pranto de sons estranhos, guturais, e o pássaro quero-quero granava próximo. O padre Mário Grosso, da reserva de São Marcos, fez a última oração, lendo à luz de um farolete. No sábado, a luz das três horas da tarde entrava pelas 22 janelas da igreja quando começou a missa fúnebre pelo padre Rodolfo. Sobre o caixão havia um cocar de penas de arara, e o morto tinha na testa um enfeite de cacique, o “tiwaba etoiaba”. Na cerimônia dos bororos, pouco antes, o mesmo canto de Simão fora entoado por quatro índios, que chocalhavam maracas, cantavam e choravam. Num contra-canto sinistro, de lamúrias agudas, índias sentadas sob o altar acompanhavam os cantores.

## O padre fez a última oração os índios choraram em seu pranto de sons estranhos.

O caixão foi levado depois pelo caminho empoeirado à frente, levando uma cruz, ia o xavante Ronema, com as orelhas vasadas por um pauzinho, o “wed-hu”. A beira do túmulo, um dos 13 padres presentes orou e um bororos, com um cocar igual ao do padre morto, entoou um canto fúnebre. — Ooooo-ro-ro-ro Mais ou menos assim choravam os índios. O braço armado do agressor ergue-se para

Desde que o primeiro tiro foi disparado, e padre Rodolfo Lunbenkein caiu ferido, ninguém pode se sentir seguro numa grande área ao redor da aldeia dos índios bororos, no leste de Mato Grosso. Todos sabem que o padre, chefe da missão dos bororos, foi morto com cinco tiros, depois que fazendeiros da região invadiram a aldeia, na quinta-feira. Mas foram tantos tiros, que também o índio Simão morreu e quatro de seus irmãos ficaram feridos, e ainda tombou um rapaz dos agressores. Talvez saibam também o que fizeram os xavantes, índios bravos e fortes, guerreiros por tradição: puseram-se em armas. Tomaram suas espingardas Flaubert, seus arcos e flechas e suas bordunas, e partiram em ajuda de seus irmãos bororos. O chefe dos bororos, Hipopótamo Pequeno, apreciou a ajuda. Mas a presença dos xavantes causou tanto medo nas vizinhanças que numa cidade próxima, General Carneiro, alguns moradores fugiram. Na pequena cadeia local, estavam alguns dos brancos envolvidos na matança. E à noite, na sexta-feira, chegaram notícias de que os xavantes estavam a caminho para atacar a cidade e tomar os presos. Muitas mulheres agarraram os filhos, juntaram apressadamente o pouco que tinham e fugiram para as matas. Foi preciso que o delegado de polícia mandasse buscá-las de volta e desmentisse o ataque. Os presos já foram levados para a cadeia de Turixoré, uma cidade da região. Entre eles está Manoel Borges da Silva, um branco apelidado “Preto”, o invasor que matou o padre e o que mais atirou — depois de João Mineiro. Este João Mineiro foi quem comandou o ataque. A polícia de Barra da Garça, cidade mais importante da região, descobriu que João Mineiro e dois de seus aliados estão escondidos numa fazenda ali por perto, protegidos por homens bem armados. João está ferido: um tiro na boca. O capitão Moacir Couto, delegado regional de Barra da Garça, está reunindo seus homens. Um ataque à fazenda pode acontecer a qualquer momento. Na aldeia dos bororos, a 450 quilômetros, há dois caminhões e um jipe da Segunda Guerra, que pertenceram ao Exército suíço e foram doados aos padres da missão. Os xavantes souberam reconhecer neles bons veículos de guerra. No sábado, quando a situação ainda estava muito tensa, escolheram o jipe que tem seis rodas, e dentro dele fizeram uma espécie de trincheira de aço. Subiram nele dez xavantes. O primeiro ataque dos fazendeiros, antes de chegarem à aldeia e matar o padre, fora contra uma equipe que demarcava a reserva dos bororos: a uns quatro quilômetros. Os xavantes estavam partindo para lá, sob pretexto de procurar materiais deixados pelos topógrafos. — E se vocês derem com os fazendeiros? (Sorriso significativo) — Estamos bem armados.

## Os xavantes transformam o velho jipe numa trincheira

O tenente Lepesteur, que no dia das mortes chegara com cinco soldados, e pedira mais cinco ficou preocupado. Mandou um de seus homens no jipe de guerra dos xavantes, que durante duas horas seguidas rodou nas proximidades da aldeia. Os índios voltaram decepcionados. Mais tarde, um suspeito foi preso na aldeia dos xavantes, que vestiram seus trajes de guerra e se pintaram para guardar este inimigo. Mas tiveram que soltá-lo, quando a polícia descobriu que era um estranho, totalmente inocente. Os bororos são calmos, vivem para sua lavoura de arroz, milho e mandioca, em suas malocas ou nas casinhas de alvenaria construídas pelos missionários salesianos. Mas no sábado os policiais de General Carneiro trouxeram três suspeitos presos e os deixaram por algum tempo numa pequena pensão, perto do centro da aldeia. Primeiro surgiu um pequeno grupo de bororos, depois vieram outros grupos, e logo mulheres com seus filhos carregados numa cinta a tiracolo. Em silêncio, consideravam os presos. Foram-se por fim, quando os primeiros cochicharam um “não são estes” para os outros. O general Ismarth de Oliveira, presidente da Funai, esteve na aldeia no fim de semana. Ali encontrou padres e bispos da missão salesiana, que tinham chegado antes, para acompanhar os fatos e assistir ao enterro de padre Rodolfo. O general ouviu isto dos padres: — Alguns índios bororos e xavantes nos disseram que vão fazer justiça com as próprias mãos, se virem os culpados de volta às suas terras, sem punição. Padres e bispos estavam preocupados também com os fazendeiros. — Eles já mataram duas pessoas. Já se complicaram. Podem matar mais gente. O general, chamado Grande Chefe pelos índios, respondeu que o ministro da Justiça mandou a Polícia Federal dar todo o apoio para a solução desse problema e a prisão dos culpados. Depois discutiram sobre o problema da demarcação da reserva dos bororos, que os fazendeiros não querem aceitar, e foi a causa dos crimes. Os trabalhos têm que prosseguir, concordaram o general e os padres. Estudaram a possibilidade de os índios darem cobertura aos topógrafos, mas neste caso teriam que usar armas. Ismarth achou que não se pode transformar índios em policiais, e as coisas estavam nesse pé quando chegou o delegado regional de Barra do Garça. Com novidades. Disse o capitão Moacir Couto, presidente do inquérito sobre as mortes: seis presos foram autuados em flagrante e isto incluiu o fazendeiro apelidado “Preto”. Três suspeitos estão detidos. João Mineiro, o chefe do grupo, está ferido, escondido numa fazenda. Depois de ouvir estas informações, o general aceitou o convite dos padres para um almoço. A noite, o general e o governador de Mato Grosso, Garcia Neto, conversaram, na casa deste, em Cuiabá. Aos mesmos correspondentes dos jornais do Sul, que o haviam entrevistado na aldeia, o general informou: — A Funai acha que os missionários salesianos não têm capacidade para controlar a situação, e por isto vai assumir a responsabilidade nas aldeias de Merure, onde estão os bororo, e de São Marcos, onde vivem os xavante. Colocará ali seus próprios homens e equipamentos de rádio, como têm os padres. Numa conjugação de esforços, as polícias Federal e do Estado de Mato Grosso atuarão na área, para evitar um agravamento da situação. As equipes que fazem demarcação da reserva indígena serão integradas por índios (não-armados) e homens da Funai. Na aldeia, os padres tinham falado aos jornalistas. Estava ali D. Thomaz Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário — CIMI.

matar. A mão forte do bororo agarra-o e impede. Mas um momento depois, o pátio da missão, ecoava o som dos tiros. Caía o padre, tombavam os índios — e logo os fazendeiros fugiam em seus carros, ou a pé, arrastando o seu morto, um rapaz de 16 anos. A luta antiga pela terra, o ódio que a presença dos geólogos, demarcadores de divisas, haviam feito renascer, mostravam seus resultados. A vida do padre Rodolfo começou a correr, perigo às nove horas da manhã, quando os fazendeiros chegaram, em grupo numeroso. Sessenta e tantos homens, em automóveis e pick-ups, com carrocerias cheias. Ainda não era a aldeia que atacavam, mas dois auxiliares de Geologia, rapazes novos, que trabalhavam a quatro quilômetros da missão. — Nós viemos aqui para fazer o serviço. De um jeito ou de outro. Era João Mineiro, fazendeiro de não muitas terras, quem falava. Havia quatro bororos com os rapazes e um deles, que tinha uma espingarda, foi desarmado. Com essa mesma arma, aqui chamada Flaubert, os índios foram ameaçados. Muito pouco depois, eram todos empurrados para dentro dos carros. O grupo passou por suas casas, bebeu pioma e rum e comeu farofa, até decidir-se. Partiram com seus prisioneiros para a aldeia. O padre Rodolfo foi batizado há dois anos pelos índios e chamava-se também Kogue-Toguiu, ou “aquele que vai ao encontro do peixe dourado”. Estava na roça, com jipe da Segunda Guerra, quando os invasores chegaram. O chefe Aídje Kuguri, ou Hipopótamo Pequeno, ou ainda Eugênio Rondon, almoçava em sua casa. Numa sala da missão, a irmã-diretora, Rita, preparava-se para dar uma olhada nas crianças indígenas, que se banham num córrego próximo. Os homens chegaram, e agora eram 42 ou pouco mais, e só puderam encontrar para brigar um padre tímido, pequeno, o padre Uchoa. Já foram empurrando o padre, dizendo que eram todos ladrões, que as terras dos índios ficavam para os padres, e que queriam um comprovante da Funai oficializando o trabalho de demarcação da reserva. Assim foi o ataque, assim morreram o padre e o índio

Os bororos caçadores estavam fora, tinham partido uma semana antes para caçada da arara, do porco caetetu, o tamandua-mirim. Outros estavam na lavoura e só havia nove índios na aldeia. O pequeno padre não sabia bem o que dizer, pressionado e empurrado, até que chegou padre Rodolfo, corado do trabalho, sorrindo. Tinha as mãos sujas de graxa, pois tivera que consertar o jipe. Irmã Rita saiu para o pátio e viu aqueles homens todos rodeando padre Rodolfo, mas não pôde ouvir o que ouviram os rapazes da geologia, que estavam bem próximos: — Como vai, fazendeiro? — perguntou João Mineiro. E deu um tapa de mão aberta no peito do padre. Os invasores são homens conhecidos na aldeia. O chefe Eugênio, que acabara de almoçar e se aproximava, reconheceu logo João Mineiro e o “Preto”, e também dois candidatos a prefeito de General Carneiro — Nonato Rocha e Luiz Santos. Lembra-se bem: dias antes, estes homens haviam instruídos os índios sobre como tirar título de eleitor para votar. Eugênio viu João Mineiro, falava das terras e das medições, e o padre Rodolfo tentava dar explicações. Os rapazes da Geologia, José Avelino Contijo e Elvio Cândido de Souza, podem repetir as palavras do padre: — Não é assim, isto é coisa oficial, mandada pela Funai... Irmã Rita ficou na varanda da diretoria, olhando tudo muito apreensiva. Uma hora decidiu intervir. Caminhou até o grupo de homens e pediu a João Mineiro que tivesse calma, apresentasse com modos as suas razões. — Eu sou fazendeiro e católico — reclamou este. A irmã voltou para seu lugar. Mas o padre propôs tomar o nome dos fazendeiros para encaminhar suas reclamações à Funai. Foram todos até a sala da diretoria, Rodolfo apanhou um papel e escreveu 42 nomes. Miranda, Biluga, Moisés, Mineiro... traços nervosos. Sem saber, o padre escrevia pela última: uma lista com o nome das pessoas que iriam provocar sua morte. E os rapazes da topografia, o cacique e os nove índios, os fazendeiros e o padre voltaram para o lugar onde haviam conversado. E começaram a tirar, de uma pic-up os equipamentos de topografia, que os homens haviam trazido com seus prisioneiros. Por último, pegaram a espingarda tirada do bororo e isto provocou um comentário do padre. Os auxiliares de topógrafo ouviram-no dizer: — Mas vocês pegaram também esta arma? João Mineiro replicou grosseiramente, como notou o cacique Eugênio. E, com a mão espalmada, cutucou a barriga do padre. Num segundo, os bororos se aproximaram, para defender Rodolfo. Foi então que João Mineiro puxou uma pistola Bereta... mas quando seu braço estava no ar, para posicionar o tiro, uma mão ágil o impediu. Era o Índio Gabriel. Mas já o homem apelidado “Preto” sacava seu revólver e dava tiro no padre. Da varanda, a irmã Rita viu Rodolfo levar a mão à cintura e vim seu corpo alto e forte bambejar. Os ajudantes de topografia assistiram ainda ao “preto”, atirando mais quatro vezes no padre. O cacique viu bem quando o padre caiu morto. O cacique também pode ver seu filho Txi-baé Ikare, ou Arco de Arara, ajudar gabriel a segurar João Mineiro. Mas nesse momento Txi-baé (que também é chamado Lourenço Rondon) levou um tiro, porque o Mineiro tinha outro revólver. O sexto tiro de “Preto” viram os ajudantes de topógrafo, acertou o rosto do rapaz Luiz Bispo, que tentava segurar o Índio Simão, que já entrara na briga e, além do tiro, levou também duas facadas. A Índia Tereza chegava para ajudar o filho Simão e o cacique viu quando ela levou um tiro no peito. Mas os invasores fugiram em seus carros, deixando quatro dos companheiros a pé. Estes arrastaram o corpo do rapaz Bispo até que os tiros recomencem. Agora era o bororó Carlos que chegava da lavoura e atirava nos fugitivos. O corpo do moço foi largado a cem metros do pátio da missão. Um avião que só chegou de Aragarças, cidade da região, às seis da tarde, decolou pouco depois com Simão e Lourenço. Simão morreu com cinco minutos de voo e o avião ficou perdido, mas conseguiu aterrissar numa fazenda. Lá havia oito médicos, passando férias, e Lourenço pôde ser salvo. Os outros feridos foram levados por terra a Barra do Garça. A noite a Polícia Militar prendeu o pai de Luiz Bispo (o rapaz morto) um irmão e um cunhado do moço, além de outras três pessoas. E prendeu Manoel Borges da Silva, o “Preto” que matou o padre. Ele tem 58 anos e 14 filhos.